



Presságios na *Vita Galbae*, de Suetônio

Omens in Suetonius' *Vita Galbae*

Carlos Eduardo Santos

Professor de Língua e Literatura Latina – ILe, UERJ

Doutor em Letras Clássicas – UFRJ

<https://orcid.org/0000-0002-2640-3823>

ceduardo.sds@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.12957/principia.2025.93844>

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo apresentar e analisar a representação literária dos episódios que evidenciam os presságios descritos por Suetônio na biografia do imperador Galba. Ao longo de sua narrativa, o biógrafo expõe, em diversas passagens, a trajetória do imperador a partir de sinais de procedência divina que teriam prenunciado sua ascensão ao poder após o colapso do reinado de Nero e seu subsequente suicídio. Dessa forma, é realizada uma análise das principais manifestações de presságios registradas por Suetônio nas demais biografias da obra *De Vita Caesarum*, bem como uma análise do relevo conferido a esses elementos na *Vita Galbae*, a fim de demonstrar como tais sinais contribuem para a construção do destino excepcional atribuído ao general que se tornou *princeps* do Principado Romano no ano 68 d.C.

Palavras-chave: Galba; Suetônio; presságios.

ABSTRACT: This article aims to present and analyze the literary representation of the episodes that highlight the omens described by Suetonius in his biography of the emperor Galba. Throughout his narrative, the biographer recounts the emperor's trajectory through signs of divine origin that were believed to have foretold his rise to power following the collapse of Nero's reign and his subsequent suicide. Accordingly, the study examines the principal manifestations of omens recorded by Suetonius in the other biographies of the *De Vita Caesarum*, as well as the particular emphasis given to such elements in the *Vita Galbae*, in order to demonstrate how these signs contribute to the construction of the exceptional destiny attributed to the general who became *princeps* of the Roman Principate in 68 CE.

Keywords: Galba; Suetonius; omens.



Introdução

Estudar a literatura e a história de Roma constitui um caminho instrutivo e enriquecedor para aprofundarmos o conhecimento sobre os costumes e a cultura dessa antiga *urbs*¹. Ao longo de uma análise mais detida, é possível observar que Roma preservava aspectos culturais e crenças profundamente enraizados em sua literatura, os quais exerciam impacto significativo sobre diversas manifestações artísticas. Sua religião politeísta, estruturada em torno de um amplo panteão de deuses, desempenhava papel decisivo na composição das obras. Desse modo, a arte refletia a vida de tal maneira que a presença de elementos de procedência divina prevalecia independentemente das ações humanas, tornando a representação literária uma expressão plausível da realidade cotidiana dos romanos.

Considerando que a literatura romana sofreu profunda influência da tradição grega, especialmente após a conquista da Grécia em 146 a.C., ressalta-se a relevância das crenças e valores helênicos incorporados às produções literárias latinas. Os romanos admiravam a poesia, a filosofia e a dramaturgia gregas, de modo que inúmeros autores — como Cícero, Virgílio, Ovídio e Horácio, entre outros — inspiraram-se em seus temas, estruturas e estilos, integrando também elementos religiosos em suas narrativas. O conceito de *imitatio*², amplamente discutido nos círculos críticos da Antiguidade e sistematizado pela tradição aristotélica, orientava a criação artística e literária romana. Para os escritores latinos, a imitação não correspondia ao sentido moderno de cópia ou plágio, mas constituía uma forma de reverenciar, reelaborar e atualizar modelos gregos. Por meio da *imitatio*, os autores romanos buscavam adaptar e transformar esses modelos de acordo com suas próprias experiências, virtudes, crenças e realidades culturais.

¹ O termo *urbs*, em latim, é aplicado a Roma por excelência, por designá-la como a cidade em sentido pleno, o centro urbano por antonomásia. Distingue-se de *arx*, que se refere especificamente à cidadela fortificada, e de *rus*, que designa o campo ou o ambiente rural, em oposição à vida urbana.

² A ideia de *imitatio* na tradição romana tem suas raízes na concepção grega de *mimesis*, tema central na *Poética* (2004), obra de Aristóteles. Nela, Aristóteles discute a *mimesis* como uma forma de representação da realidade, analisando de que maneira a arte — especialmente a poesia e o drama — reproduz e interpreta as ações humanas. Tal noção foi decisiva para a formulação de uma teoria estética na Antiguidade e exerceu forte influência sobre a crítica literária posterior. Os autores romanos, ao receberem essa tradição, desenvolveram o conceito latino de *imitatio*, entendido não como simples cópia, mas como reelaboração criativa dos modelos gregos. Assim, a *imitatio* tornou-se um princípio estruturante da literatura romana, orientando a adaptação e transformação dos paradigmas helênicos segundo as experiências, valores e expectativas culturais de Roma.



Os presságios, portanto, podem ser considerados elementos particularmente atraentes para os leitores das narrativas literárias da Antiguidade greco-romana. Nesse sentido, cabe indagar quem, ao ler uma obra grega ou romana como *Édipo Rei*, de Sófocles (1998), não se viu impactado pelo presságio funesto que estrutura a ascensão e a queda do protagonista, explorando a tensão entre destino predeterminado e escolha individual e conduzindo-o a tentar inutilmente escapar de sua profecia.

A continuidade desse enredo nas peças *Édipo em Colono* e *Antígona*, do mesmo dramaturgo, mantém o papel central dos presságios na construção narrativa e na articulação dos temas fundamentais da literatura antiga. Assim, compreende-se de que modo esses anúncios do futuro instauram um conflito entre a razão humana e a crença no sobrenatural. Os personagens envolvidos em tais prenúncios buscam, muitas vezes, recorrer à lógica para evitar o desfecho anunciado; contudo, o resultado evidencia a vulnerabilidade humana diante do destino e da vontade dos deuses, independentemente das ações dos homens.

Com efeito, compreende-se que os leitores e espectadores tanto da Grécia quanto de Roma acreditavam em presságios e oráculos como elementos reais e significativos da vida cotidiana. A crença em sinais divinos, prenúncios e profecias era profundamente enraizada na cultura antiga, influenciando não apenas as escolhas individuais, mas também decisões políticas de grande impacto. Na *De Vita Caesarum* de Suetônio, por se tratar de biografias de personagens cujas façanhas e notoriedade atravessaram a tradição historiográfica romana, o autor incorpora em sua narrativa ocorrências prenunciadas que orientam — ou revelam retrospectivamente — os destinos dos imperadores. Ao fazê-lo, evidencia não apenas a crença desses biografados em intervenções de ordem sobrenatural, mas também o interesse de Suetônio em explorar tais sinais como recursos interpretativos da trajetória imperial.

Os presságios, por exemplo, como se observa nas biografias suetonianas, desempenhavam um papel significativo tanto na vida pública quanto na privada, refletindo a crença profunda dos romanos na influência dos deuses sobre os eventos humanos. A manifestação desses sinais podia ocorrer de diversas maneiras, e sua interpretação estava frequentemente vinculada às circunstâncias vividas pelo personagem em questão. Entre as variadas formas de presságios, destacavam-se os auspícios, relacionados a sinais interpretados por sacerdotes especializados, os *augures*, responsáveis por transmitir os prenúncios divinos sobretudo por meio da observação de fenômenos naturais, como o voo das aves. Dependendo



do padrão desses voos, tal como interpretado pelos *augures*, decisões políticas e militares podiam ser influenciadas.

Dadas essas considerações, neste artigo adotamos como metodologia a tradução direta dos principais trechos da *Vita Galbae* que mencionam presságios, acompanhada de uma abordagem bibliográfica referencial fundamentada em estudos clássicos sobre Suetônio, a historiografia romana e a interpretação de prodígios. A relevância da pesquisa reside em demonstrar que os presságios, frequentemente tratados como elementos acessórios ou supersticiosos, constituem parte estrutural da construção narrativa do biógrafo, orientando a leitura política da crise de 68 d.C. e da ascensão de Galba. A partir dessa perspectiva, desenvolvemos uma análise que examina, de forma sistemática, o funcionamento desses sinais divinos no texto suetoniano — seu papel literário, simbólico e interpretativo — evidenciando como Suetônio articula religião, política e representação imperial em uma trama coerente e significativa dentro do conjunto das *Vitae*.

1 Presságios na Literatura Clássica e na obra de Suetônio

A consulta a oráculos era uma prática corrente, pois esses intermediários entre os deuses e os homens tinham como função principal revelar respostas e previsões relacionadas ao destino individual, conforme a vontade divina. Cidadãos comuns, políticos e militares recorriam frequentemente aos oráculos com perguntas específicas, buscando compreender aquilo que o destino, instituído pelos deuses, lhes reservava. Contudo, as respostas fornecidas podiam ser, muitas vezes, enigmáticas e ambíguas, abrindo espaço para múltiplas interpretações. Além disso, era habitual oferecer sacrifícios e outras formas de oferenda antes da consulta, a fim de tornar o procedimento o mais favorável possível.

Nas biografias de Suetônio, observa-se também que fenômenos naturais — como cometas, eclipses, terremotos, raios e relâmpagos — eram frequentemente interpretados como presságios. Esses eventos eram analisados para determinar se constituíam sinais favoráveis ou desfavoráveis e, por essa razão, podiam influenciar decisões importantes, como a condução de campanhas militares, a realização de grandes construções ou a implementação de reformas políticas.

Os sonhos eram frequentemente interpretados como presságios ou sinais divinos relativos a eventos futuros ou à vontade dos deuses. Os romanos acreditavam que tais



manifestações oníricas podiam constituir mensagens diretas das divindades ou indícios do que estava por vir. Considerava-se que determinados sonhos eram enviados pelos deuses com o propósito de alertar ou aconselhar sobre ações específicas. A interpretação onírica envolvia, portanto, a compreensão dos símbolos e imagens presentes no sonho e a relação desses elementos com a vida real ou com acontecimentos futuros. Em Suetônio, fica evidente que os sinais, os sonhos e os presságios ultrapassavam o âmbito das simples fabulações infundadas, pois constituíam parte integrante da vida dos imperadores, sobretudo daqueles mais crédulos, como se observa na *Vita Domitiani*, em que o príncipe tenta afastar o presságio de seu fim:

At circa mediam noctem ita est exterritus ut et strato prosiliret. Dehinc mane haruspice[m] ex Germania missum, qui consultus de fulgure mutationem rerum praedixerat, audiit condemnauitque. (Suet. Dom., XVI, 2)

Por volta da meia-noite, apavorou-se de uma forma que o fez saltar da cama. Pela manhã, ouviu e, imediatamente, condenou um arúspice enviado da Germânia que, consultado sobre um raio, predissera-lhe uma mudança nos acontecimentos³.

Apesar de esse episódio evidenciar a forte crença de Domiciano nos presságios, é importante destacar que até mesmo indivíduos tidos como menos crédulos não deixavam de adotar atitudes fundamentadas em práticas religiosas ou de desenvolver alguma forma de devoção. Isso se torna evidente, por exemplo, na *Vita Neronis*, em que o imperador, embora frequentemente descrito como alguém que desprezava a religião tradicional, demonstrava devoção à deusa síria e, posteriormente, a uma estatueta de menina que utilizava como amuleto⁴. De modo semelhante, na *Vita Divi Iulii*, César é retratado como cético quanto aos presságios, mas não deixa de seguir crenças populares, como se observa na escolha de seu cavalo⁵. Esses episódios ilustram como, nas *Vitae*, Suetônio confere aos presságios e sinais divinos um papel constante, mesmo entre aqueles que se mostravam pouco inclinados à religiosidade.

³ Utilizamos o texto latino das edições da Belles Lettres, cuja referência se encontra na bibliografia. A tradução em língua portuguesa é de nossa autoria.

⁴ Cf. Suet. Nero, LVI.

⁵ Cf. Suet. Jul. LXI.



1.1 Presságios e a construção narrativa da ascensão de Galba

É evidente que, no universo cultural romano, mito e realidade frequentemente se entrelaçam. Na *De Vita Caesarum*, acentua-se a relação entre o sobrenatural e a vida pessoal de cada imperador, bem como a intervenção divina na história humana mediada pelas crenças desses personagens. Na *Vita Galbae*, objeto central deste artigo, os presságios são recorrentes ao longo de toda a narrativa suetoniana. Não por acaso, o biógrafo inicia a obra da seguinte maneira:

Progenies Caesarum in Nerone defecit: quod futurum compluribus quidem signis, sed uel euidentissimis duobus apparuit. Liuiiae olim post Augusti statim nuptias Veientanum suum reuisenti praeteruolans aquila gallinam albam ramulum lauri rostro tenentem, ita ut rapuerat, demisit in gremium; cumque nutriri alitem, pangi ramulum placuisset, tanta pullorum suboles prouenit, ut hodieque ea uilla “ad Gallinas” uocetur, tale uero lauretum, ut triumphaturi Caesares inde laureas decerperent; fuitque mos triumphantibus illas confestim eodem loco pangere; et obseruatum est sub cuiusque obitum arborem ab ipso institutam elanguisse. Ergo nouissimo Neronis anno et silua omnis exaruit radicitus, et quidquid ibi gallinarum erat interiit. Ac subinde tacta de caelo Caesarum aede capita omnibus simul statuis deciderunt, Augusti etiam sceptrum e manibus excussum est. (Suet. Gal. I)

A linhagem dos Césares se extinguiu em Nero: fato que foi previsto por vários sinais, mas manifestados por dois mais evidentes: certa vez, após as núpcias de Lívia e Augusto, quando ela estava visitando novamente sua quinta em Veios, uma águia, ao sobrevoar o local, deixou cair em seu colo, tal como a havia capturado, uma galinha branca que segurava no bico um ramo de loureiro. Quando ela decidiu alimentar a ave e plantar o ramo, nasceu uma tão numerosa linhagem de filhotes, que até hoje a propriedade é chamada de “vila das galinhas”. Logo, o loureiral ficou tão grande que, dele, os Césares colhiam as coroas de louros em seus triunfos. Tornou-se costume, então, plantá-las imediatamente no mesmo local que triunfassem. Além disso, foi observado que a árvore correspondida à morte de cada um deles definhava. Portanto, no último ano de Nero, toda a plantação não só secou drasticamente, mas também tudo o que pertencia ao local das galinhas pereceu. Em seguida, o templo dos Césares foi atingido por um raio, e, simultaneamente, caíram as cabeças de todas as estátuas, e o cetro de Augusto foi arrancado de suas mãos.

Com base nesse trecho, é possível constatar que Suetônio abre a biografia de Galba relatando o fim da dinastia júlio-claudiana, composta pelos sucessores de Augusto, herdeiro de Júlio César e fundador do Principado. Ao declarar a extinção dessa linhagem em Nero, o biógrafo prepara a entrada de Galba, cuja ascensão é apresentada como resposta ao desgaste e à insustentabilidade daquela família no poder. Dessa forma, os presságios iniciais não apenas



reforçam a iminência da queda de Nero, mas também legitimam, do ponto de vista literário e religioso, o advento de um novo *princeps* no turbulento ano de 68 d.C. Suetônio, portanto, deixa claro desde o início que a biografia de Galba será marcada pela recorrência de presságios que anunciam sua elevação ao trono e, simultaneamente, sustentam a ideia de que a casa inaugurada por Augusto já estava destinada, havia muito, ao declínio.

Na sequência da narrativa, ao relatar o casamento de Augusto e Livia — união que estabelecia a convergência entre as famílias Júlia e Cláudia — o biógrafo introduz, já no primeiro capítulo, a origem da linhagem cuja continuidade se romperá com Galba, protagonista desta parte da obra. Sabe-se que, na *vita Augusti*, Suetônio associa a águia ao poder supremo.⁶ Assim, o presságio envolvendo essa ave funciona como instrumento de legitimação da autoridade imperial por meio da união entre Júlios e Cláudios, que dá origem à dinastia júlio-claudiana.

Com a finalidade de confirmar a extinção da dinastia júlio-claudiana, Suetônio relata que, no último ano do reinado de Nero, ocorreu o presságio envolvendo a morte das galinhas cuja linhagem remontava ao início do governo de Augusto, simbolizando, portanto, a continuidade da estirpe imperial. Além disso, o biógrafo destaca o raio que atingiu e quebrou o cetro da estátua de Augusto, recurso que reforça a ideia do término de um ciclo e da ruptura simbólica do poder instaurado pelo fundador do Principado.

Na biografia de Augusto, inclusive, Suetônio menciona o grande temor do príncipe diante de raios e trovões,⁷ observação que retoma e intensifica posteriormente na biografia de Tibério.⁸ Desse modo, estabelece-se uma continuidade temática que contribui para a leitura dos presságios apresentados em *Galba* como indícios inequívocos do fim da dinastia júlio-claudiana.

Cabe frisar que Suetônio estabelece, em sua obra, um padrão biográfico que consiste em apresentar a trajetória de seus personagens desde a origem até a morte. No entanto, no caso da *Vita Galbae*, é possível perceber que o biógrafo adota um procedimento particular: ao iniciar a biografia pela extinção da família dos Césares e, em seguida, pelos presságios relacionados ao poder dinástico, ele propõe uma abertura distinta daquela que utiliza nas demais *Vitae*. No primeiro capítulo, Suetônio descreve a origem do poder júlio-claudiana, seu desenvolvimento e sua queda para, só então, introduzir a origem familiar de Galba. Nesse modelo, embora trate

⁶ Cf. Suet. Aug. XCVII.

⁷ Cf. Suet. Aug. XCV.

⁸ Cf. Suet. Tib. LXIX.



a *Vita Galbae* de maneira singular, o autor preserva, em linhas gerais, a estrutura narrativa que caracteriza seu projeto literário.

Em consonância com essa construção narrativa, Suetônio evita empregar discursos extensos, preferindo estruturar sua obra por meio de frases concisas, anedotas e expressões características de cada personagem. Essa opção estilística abre espaço para a inserção de breves trechos que remetem a situações dialogadas, ainda que não haja, de fato, uma troca de turnos entre as personagens. Ao utilizar esse recurso de forma parcimoniosa, o biógrafo confere maior vivacidade à narrativa, tornando-a mais convincente e autêntica. Assim, reforça-se o papel de Suetônio como um autor que, mesmo operando dentro dos limites do gênero biográfico, atribui destaque literário às vozes e comportamentos de seus protagonistas.

Em um desses trechos dialogados, Suetônio apresenta um presságio particularmente significativo, diretamente relacionado à futura ascensão de Galba em detrimento da família dos Césares. O episódio remonta à infância do biografado, quando este fora levado para saudar o príncipe Augusto. O biógrafo descreve o acontecimento nos seguintes termos:

IV- Constat Augustum puero adhuc, salutanti se inter aequales, apprehensa buccula dixisse: καὶ σὺ τέκνον τῆς ἀρχῆς ἡμῶν παρατρόωξη. Sed et Tiberius, cum comperisset imperaturum eum, uerum in senecta: "Viuat sane," ait, "quando id ad nos nihil pertinet." Auo quoque eius fulgur procuranti, cum exta de manibus aquila rapuisset et in frugiferam quercum contulisset, responsum est summum sed serum imperium portendi familiae; et ille irridens: "Sane," inquit, "cum mula pepererit." Nihil aeque postea Galbam temptantem res nouas confirmauit quam mulae partus, ceterisque ut obscenum ostentum abhorrentibus, solus pro laetissimo accepit memor sacrificii dictique aui. Sumpta uirili toga somniauit Fortunam dicentem stare se ante fores defessam et, nisi ocius reciperetur, cuicumque obui praedae futuram. Vtque euigilavit, aperto atrio simulacrum aeneum deae cubitali maius iuxta limen inuenit idque gremio suo Tusculum, ubi aestiuare consueuerat, auexit et in parte aedium consecratum menstruis deinceps supplicationibus et peruigilio anniversario coluit. (Suet. Gal. IV)

IV- Consta que, ainda menino, fora saudar Augusto entre crianças da mesma idade; ele segurando-lhe a face, disse: até tu, menino, provarás o poder do nosso império. E Tibério também, ao saber que ele poderia, de fato, governar, na velhice, exclamou: "Viva plenamente, pois ele nada significa para nós." Quando o avô dele fazia um sacrifício em um certo lugar atingido por um raio, uma águia arrancou-lhe das mãos as entranhas da vítima e as lançou sobre um carvalho carregado de frutos – foi dito, então, que um poder muito elevado estava predestinado à sua família, porém, um poder tardio. E ele rindo teria dito: "certamente, quando uma mula parir." Depois, nada encorajou tanto Galba a tentar coisas novas quanto o parto de uma mula; e, enquanto todos se afastavam com horror daquele presságio obscuro, somente ele, que lembrava o sacrifício e as palavras do avô, compreendia como o mais favorável de todos.



Ao receber a toga viril, sonhou com a Fortuna dizendo que estava de pé e cansada perante sua porta e, se não fosse recebida rapidamente, ficaria acessível para qualquer um. Quando acordou, encontrou próximo à porta, no átrio descoberto, uma imagem de bronze da deusa maior do que um côvado de altura; levou-a então para Túsculo, onde se acostumava a passar o verão, para a sua proteção, e também a colocou na parte consagrada dos templos, e sucessivamente, com preces mensais, honrou-a com um culto noturno em seu aniversário.

Após essa série de prenúncios, torna-se evidente que Suetônio constrói, nesse capítulo, uma cadeia contínua de sinais que reforçam a ideia de que Galba possuía, desde a infância, um destino marcado pelo poder imperial. A profecia atribuída a Augusto, o comentário de Tibério, o episódio envolvendo o avô de Galba e, posteriormente, o parto da mula — todos esses elementos se articulam para apresentar o imperador como alguém cuja trajetória política estaria antecipada por manifestações divinas ou prodígios extraordinários. Além disso, o sonho envolvendo a deusa Fortuna e a descoberta subsequente da estátua reforçam tanto a crença pessoal de Galba nesses sinais quanto o modo como Suetônio associa tais episódios à legitimação simbólica de seu governo. Por fim, ao mencionar a manutenção obstinada de ritos domésticos arcaicos, o biógrafo delineia um traço essencial da personalidade de Galba, integrando-o à lógica dos presságios que permeiam sua biografia.

Suetônio apresenta informações que estabelecem pontos cruciais tanto sobre o destino quanto sobre o comportamento da personagem, pois são elementos recorrentemente valorizados pelo biógrafo ao longo de suas *Vitae*. Nesse contexto, ele confere especial destaque ao presságio atribuído a Augusto — figura inaugural do Principado — embora essa mesma profecia seja relacionada a Tibério por Tácito e Dião Cássio (Brandão, 2009, p. 107). Ademais, é possível inferir que o vocativo dirigido por Augusto a Galba cria, para o leitor, uma ressonância literária com as célebres palavras atribuídas a Júlio César dirigidas a Bruto pouco antes de sua morte, estabelecendo uma intertextualidade implícita entre momentos decisivos da história política romana.

Nesse sentido, é pertinente destacar que uma das estratégias utilizadas por Suetônio para conferir maior verossimilhança à sua narrativa foi o emprego de termos e expressões gregas. Na *De Vita Caesarum*, esse expediente constitui um traço distintivo de seu estilo, sobretudo porque outros historiadores preferiam verter para o latim todas as palavras de origem estrangeira (Brandão, 2009, p. 62). Assim, na biografia de Júlio César — a primeira da coletânea do autor — observa-se tal expediente estilístico quando o ditador interpela Bruto no



momento da traição, empregando a expressão grega καὶ σὺ τέκνον⁹ (“até tu, filho”). A mesma expressão aparece na passagem em que Augusto dirige-se ao jovem Galba, reiterando, portanto, o uso intencional e significativo do grego por parte do biógrafo.

Portanto, esse recurso constitui uma estratégia do biógrafo para evidenciar uma aproximação simbólica entre Bruto e Galba: de um lado, o assassino de Júlio César, que já vislumbrava em Roma a instauração de um regime ditatorial; de outro, aquele que, séculos depois, contribuiria decisivamente para o colapso da dinastia júlio-claudiana. Soma-se a essa associação a relação sugerida entre Galba e Lívía, esposa de Augusto, o que pode indicar, por analogia, uma possível correspondência simbólica entre o vínculo afetivo de Augusto e Galba e aquele de César e Bruto. Sendo assim, tornam-se evidentes as razões que levaram Suetônio a atribuir esse presságio especificamente a Augusto: trata-se de um movimento narrativo destinado a reforçar, em chave literária, a confirmação do prenúncio referente à futura ascensão de Galba.

Observa-se também o cumprimento do destino atribuído ao imperador, construído por meio da oscilação entre o favor e o desfavor da deusa Fortuna, cuja presença se manifesta sobretudo em sonhos nos quais reclama hospitalidade diante da porta de Galba. Tal recurso explicita um ponto fundamental explorado por Suetônio: a legitimação da ascensão do imperador por influência divina, reforçando sua predestinação ao trono.

Suetônio, em seguida, apresenta um presságio que intensifica a ambição de Galba em direção à sua grande conquista. Trata-se de um sinal que estabelece uma ligação direta entre Galba e Nero, permitindo ao futuro imperador perceber que o momento decisivo de sua vida realmente havia chegado. O biógrafo introduz o episódio nos seguintes termos:

donec in oppido Fundis moranti Hispania Tarraconensis oblata est. Acciditque, ut cum prouinciam ingressus sacrificaret intra aedem publicam, puero e ministris acerram tenenti capillus repente toto capite canesceret, nec defuerunt qui interpretarentur significari rerum mutationem successurumque iuueni senem, hoc est ipsum Neroni. Non multo post in Cantabriae lacum fulmen decidit repertaeque sunt duodecim secures, haud ambiguum summae imperii signum. (Suet. Gal. VIII)

Ao residir na cidade de Fundos, durante esse período, foi-lhe oferecida a Hispânia Tarraconense. Ao ingressar nessa província, enquanto realizava um sacrifício dentro do templo público, o cabelo do menino que segurava o incenso para a sacerdotisa começou de repente a embranquecer por inteiro. Não faltaram aqueles que interpretaram o fato como um anúncio de mudança

⁹ Cf. Suet. Jul. LXXXII



nos rumos do poder e de que um velho sucederia a um jovem, isto é, que Galba a Nero. Pouco depois, um raio caiu em um lago na Cantábria e foram encontrados doze machados, um sinal nada ambíguo do soberano poder.

Nessa passagem, Suetônio descreve os sinais que fariam Galba perceber que sua ascensão estava cada vez mais próxima. Enquanto ele realizava um sacrifício, o cabelo do jovem assistente tornou-se subitamente branco — indício claro da velhice —, o que era interpretado como o anúncio de que um homem idoso sucederia a um mais jovem. Em seguida, a queda de um raio no lago da Cantábria, acompanhada do aparecimento dos doze machados, reforça um presságio inequívoco do poder supremo. Desse modo, o biógrafo encerra o capítulo evidenciando as constantes mudanças de comportamento e de posição na trajetória do personagem.

Embora os presságios de Galba pareçam apontar para um avanço progressivo rumo ao poder supremo, eles, na verdade, sugerem a restauração da ordem por meio do poder imperial. Imperadores anteriores, como Tibério, Calígula e Nero, haviam exercido um governo orientado por caprichos pessoais, desonrando a imagem do Estado por meio de ações cruéis. Nesse sentido, quando Galba se uniu a Vindex na revolta contra Nero, passou a ser visto como a figura essencial à causa. Pertencente a uma linhagem nobre, ligado à casa de Augusto por um favor de Lívia, com uma carreira marcada por honrarias e experiência no governo de províncias, Galba reunia qualidades que o aproximavam do príncipe ideal — salvo por sua idade avançada (Brandão, 2009, p. 9).

Antes de apresentar os presságios que cercam a ascensão de Galba, é fundamental observar como Suetônio constrói, ao longo da *Vita Galbae*, uma expectativa política em torno de sua figura. O biógrafo organiza elementos biográficos, tradições familiares e sinais prodigiosos de modo a inserir Galba em uma narrativa de restauração, sugerindo que sua emergência no cenário imperial não se deu de forma abrupta, mas como resultado de uma combinação entre virtude pessoal, legitimidade ancestral e necessidade histórica.

Essa moldura interpretativa prepara o leitor para compreender por que diferentes grupos — das elites senatoriais aos que se opunham aos desmandos de Nero — passaram a reconhecer em Galba um candidato providencial ao principado. Grimal (2011, p. 97) reforça ainda a ideia de que o povo romano idealizava ser governado por um preferido dos deuses, uma vez que o *imperium romanum* era uma realidade não apenas terrestre e humana, mas também divina. Assim, quando Suetônio finalmente introduz os presságios ligados ao seu nome, esses sinais



não aparecem como episódios isolados, mas como confirmações simbólicas de uma expectativa já construída ao longo da narrativa, como podemos conferir neste seguinte trecho:

Per idem fere tempus in munitione oppidi, quod sedem bello delegerat, repertus est anulus opere antiquo, scalptura gemmae Victoriam cum tropaeo exprimente; ac subinde Alexandrina navis Dertosam appulit armis onusta, sine gubernatore, sine nauta aut uectore ullo, ut nemini dubium esset iustum piumque et fauentibus diis bellum suscipi; (Suet. Gal. X)

Por essa mesma época, na fortificação da cidade que escolhera como quartel para a guerra, foi encontrado um anel de fabricação antiga, cuja pedra apresentava a figura da Vitória junto a um troféu. Pouco depois, um navio alexandrino, carregado de armas, aportou em Dertosa sem timoneiro, sem marinheiros e sem qualquer passageiro, de modo que ninguém duvidasse de que a guerra empreendida era justa, piedosa e favorecida pelos deuses.

Segundo Plutarco (*Gal.* 5.1–2), Galba não aceitou de imediato a designação, mas, após acusar Nero e lamentar a morte de homens ilustres por ordem do príncipe, concordou em dedicar seus esforços à pátria. Recusou, contudo, adotar os títulos de César ou Imperador, preferindo o de “general do Senado e do povo romano”. Plutarco ainda destaca que, antes mesmo de Galba subir à tribuna, uma multidão já se havia reunido em apoio à revolução e o saudava, em uníssono, como imperador — um elemento que difere de Suetônio, que, ao privilegiar o protagonismo do seu personagem, omite a atuação popular em sua proclamação.

Na sequência da *Vita Galbae*, Suetônio descreve as ações de Galba diante das dificuldades que assolavam o Estado, apresentando sua missão como legitimada por uma série de prodígios favoráveis. Entre eles estão o anel com a imagem esculpida da deusa Vitória portando um troféu, e o aparecimento de um navio alexandrino carregado de armas, mas completamente desprovido de tripulação. Esses sinais reforçam a ideia de que a rebelião era favorecida pelos deuses — aspecto crucial para a propaganda de Galba, que aspirava ao poder imperial (Brandão, 2009, p. 141).

Desse modo, observa-se que, ao longo de toda a *Vita Galbae*, Suetônio mobiliza presságios, prodígios e sinais divinos para estruturar não apenas o destino individual da personagem, mas também a própria leitura política da crise de 68 d.C. — ponto que nos conduz à reflexão final sobre o papel desses elementos no conjunto das *Vitae*.



Conclusão

Portanto, a descrição dos presságios na biografia de Galba funciona como um conjunto de indicadores simbólicos que orientam o leitor para o alcance supremo do poder, revelando a expectativa de restauração da paz dentro da república romana. Suetônio constrói, assim, uma narrativa articulada, valendo-se de sinais, anedotas e episódios selecionados com precisão para cativar um público que apreciava profundamente as curiosidades sobre a vida dos homens ilustres. Ao manipular esses elementos, o biógrafo realiza ajustes e ênfases que julga necessários para conferir legitimidade literária e inteligibilidade histórica à sua obra.

Além disso, a forma como Suetônio apresenta a ascensão de Galba revela uma concepção particular sobre o exercício do poder imperial: não basta ocupar o trono, é preciso inscrevê-lo em uma lógica de destino e de continuidade moral. Os prodígios tornam-se, nesse contexto, instrumentos retóricos que atribuem coerência a uma trajetória marcada por rupturas políticas — como a queda de Nero — e funcionam como dispositivos de leitura que orientam a recepção do leitor. Assim, a *Vita Galbae* não apenas narra eventos, mas conduz uma interpretação: Galba surge como figura necessária em um momento de crise, legitimado tanto por sua virtude e nobreza quanto pelos sinais concedidos pelos deuses. Como observa Grimal (2011, p. 96), Galba não teve de disputar o trono quando assumiu: o Senado o escolheu espontaneamente, pois sua figura já circulava envolta em um caráter quase mítico, alimentado pelos presságios que o anunciavam como futuro governante.

Por fim, ao examinar os presságios e a construção narrativa em torno de Galba, nota-se que Suetônio opera em uma zona intermediária entre historiografia e literatura nas quais a factualidade se entrelaça à dimensão simbólica do poder. Sua escrita evidencia que os imperadores não são apenas personagens históricos, mas figuras moldadas por expectativas, medos e esperanças compartilhadas por toda a sociedade romana.

Ao analisar esses elementos, compreendemos que a *Vita Galbae* vai além da simples exposição biográfica: ela se torna um comentário crítico sobre a instabilidade do principado e sobre a necessidade — sempre renovada — de legitimar o poder por meio da memória e do discurso. Portanto, o artigo evidencia que os presságios, longe de serem adornos narrativos, são parte essencial da estratégia suetoniana para interpretar a política romana e para destacar como, mesmo em tempos turbulentos, a imaginação religiosa e a representação literária continuavam a moldar a compreensão da autoridade imperial.



REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Ana Maria Valente. Lisboa: Calouste Gulbekian, 2004.

BRANDÃO, José Luís Lopes. *As Máscaras dos Césares: teatro e moralidade nas vidas suetonianas*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Trad.: Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 2011.

PLUTARCO. *Vidas de Galba e Otão*. Tradução, introdução e notas de José Luís Brandão. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

SÓFOCLES. *A trilogia tebana*. Trad.: Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SUÉTONE. *Vies des douze Césars*. Tome I: *César - Auguste*. Texte établi et traduit par: Henri Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 1931.

SUÉTONE. *Vies des douze Césars*. Tome III: Galba - Othon - Vitellius - Vespasien - Tito - Domitien. Texte établi et traduit par: Henri Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 1932.

SUÉTONE. *Vies des douze Césars - Claude ~ Néron*. Texte établi et traduit par: Henri Ailloud. Introduction: de Jean Maurin. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

SUÉTONE. *Vies des douze Césars - Tibère ~ Caligula*. Introduction de: Pierre-Emmanuel Dauzat, Texte établi et traduit par: Henri Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 2002.